

Uma obra de ódio contra a organização operária

O operariado não contribui para o movimento conservador, a não ser para se lhe declarar francamente hostil e levar essa hostilidade até onde fosse necessário para que ele fosse esmagado. A perturbação da ordem pública não foi tão pouco obra dos trabalhadores mas dos armadores, seus rancorosos inimigos, filiados na União dos Interesses Económicos.

As medidas de exceção que o governo decidiu tomar foram pois motivadas pelos conservadores e só a lógica que prova os piores absurdos podia justificar que elas se voltassem contra os trabalhadores. O estado de sítio, a suspensão de garantias filiaram-se na necessidade do governo estar de atalha para repelir uma 2.ª edição do movimento de 18 de Abril.

Acontece, porém, que as medidas de exceção não atingem os burgueses da U. I. E., que alteraram a ordem pública com uma insurreição militar, mas sim os operários, que não assumiram perante o governo qualquer atitude belicosa.

Deu-se, porventura, por parte dos operários uma manifestação colectiva, a greve geral de todas as classes ou a greve parcial dum só classe, para que se imputasse aos trabalhadores a responsabilidade da situação anormal em que se encontra, neste momento, a sociedade portuguesa.

A organização operária tem mantido uma atitude calma, absolutamente serena, serena e calma tendo sido a linguagem do seu jornal, *Contudo*, o jornal tem sido alvo de várias violências e muitos operários têm sido presos.

Mas há mais, há peor, Fizeram-se deportações de operários misturando-os com indivíduos acusados de delitos comuns.

A organização operária, pesando bem as graves consequências que traria a eclosão dum movimento de protesto, do protesto que todo o operariado consciente está lavrando por intermédio dos seus sindicatos, tem procurado por meios suasórios, que essa iniquidade seja emendada, seja anulada. Pacientemente comissões delegadas dos organismos operários têm subido—descido a escada dos ministérios, batido à porta de todas as entidades oficiais.

E que resposta têm recebido? Há duas maneiras de responder: por palavras ou por actos. E a resposta mais digna de ser considerada é aquela que se traduz em actos. Até agora os operários deportados para África do Heroísmo ainda não receberam indicação para regressar à metrópole.

Por outro lado circulam, com bastante insistência, boatos de que novas deportações vão ser feitas, que mais operários vão abandonar a metrópole, sem julgamento prévio. Pretender-se-há tirar partido dum atentado a que a organização operária é absolutamente estranha?

É abjecto que assim se pense em proceder. As perseguições que se estão fazendo, as novas deportações que se anunciam sem que o governo as desminta, provam que se pretende fazer contrá a organização operária uma obra de ódio. Esse ódio não a vitimará sem que o operariado não demonstre que não é impunemente que se reeditam os tempos odiosos em que se praticaram violências dêsse quilate. O operariado saberá demonstrar que não lutou pela liberdade para ser reduzido à mais infame servidão.

A Câmara italiana concede o sufrágio às mulheres

Começou na Câmara italiana o debate sobre a extensão do direito de sufrágio a conceder às mulheres. Há poucos meses lida apresentado um relatório que era hostil a esta inovação.

Mas decorridos estes tempos, o conselho fascista tomou uma atitude diferente e o próprio ditador declarou que não era justo privar, por mais tempo, dos direitos políticos, metade da nação.

Sessenta deputados inscreveram-se para discutir a extensão do sufrágio. Os oradores que subiram à tribuna, indicaram o exemplo do estrangeiro. Até aqui todas as tentativas feitas na Itália a favor do voto das mulheres tinham resultado completamente infrutíferas.

No entanto, desta vez, a Câmara italiana por unanimidade acaba de conceder o direito de voto às mulheres.

Inqualificável violência!

“A Batalha” foi ontem, novamente, impedida de circular.

Novamente *A Batalha* foi impedida de circular. Porque motivo nos privaram do contacto com o público? Preferimos não o apontar, a fim de que ele não vá servir para termos outra vez o desgosto de escrever um jornal para ser lido exclusivamente pelas autoridades.

Esta situação é que não pode prolongar-se. É, francamente, insustentável. A violência que nos atinge fere-nos profundamente, fere profundamente a grande massa operária que é este jornal, o único que trata dos seus legítimos interesses e das suas generosas e nobres reivindicações. A violência que nos atinge vai recair directamente sobre as classes trabalhadoras.

Impedindo sistematicamente o nosso jornal de circular, manifesta-se a vontade de reduzir ao silêncio o proletariado organizado, sem se lembrar que há silêncios mais eloquentes do que a enunciação das maiores elocuentes.

A censura não desapareceu, tornou-se mais prejudicial, mais revoltante, tornou-se pior...

A princípio, os jornais podiam sair desde que respeitassem os cortes, as mutilações impostas por uma censura abusiva.

Eram mutilados, mas saíam. Agora, não são mutilados, mas não saem.

Ainda que se quisesse evitar as apreensões não se encontraria maneira. Quem pode advinhar, com antecedência, o que se pode ou o que se não pode dizer? Ninguém... nem mesmo os que impedem os jornais de circular.

Estamos condenados à pior das tiranias, aquela que não tem lei certa, que não rege por nenhum ditame, que se não evita com a mais completa submissão. Estamos, tristemente, ignominiosamente, amarrados à tirania do acaso, do capricho, à hedionda tirania do que é impenetrável e esfíngico, do que consente o Mundo e ao *Rebate* o que não admite à *Batalha*. Esta tirania é negra, é monstruosa, é a tirania que vem numa sombra, dum espectro; é uma tirania vergonha, revoltante, asquerosa.

Paramos, indecisos! Não iremos cair no desagrado? e do desagrado à suspensão só vai um passo.

Damos, pois, a palavra ao *Diário do Povo* transcrevendo o seu protesto contra a apreensão do *A Batalha*. O capricho da autoridade não irá irritar-se? Em todo caso tentamos a transcrição:

“A Batalha, voltou ontem a ser impedida de circular.

Protestamos contra o facto, pois não é assim, tiranizando, oprimindo, que a República deve entender a liberdade de pensamento. Mas a responsabilidade não cabe à República; cabe aquele antigo monarca Vitorino, tenente coronel democrático, que se alçou neste regime de ficção em que vivemos, a ministro do Interior, precisamente aquele a quem cabe dirigir a política republicana no país. Que diz à altitude deste seu correligionário o dr. José Domingos, o político falaciador do lèma Pão e Liberdade?

O *Correio da Manhã* foi ontem impedido de circular. Protestamos contra essa violência. De passagem queremos assinalar que a conduta de alguns jornais no que diz respeito a apreensões modifícon-sé, havendo neles uma mais nítida compreensão acerca das violências do poder. Para ficarem esclarecidos foi preciso que o raio lhes caísse em casa, o que prova, uma vez mais, que a adversidade é a melhor das escolas. Em compensação—bem triste compensação—outros jornais estão esquecendo deploravelmente o seu liberalismo ou denunciando que não passa dum mentiroso verniz.

Notas & Comentários

EM TORNO DUM DOCUMENTO Os 500 das Avenidas Novas e as bombas da “Legião Negra”

Os homens da “ordem” estão longe de ser partidários convictos do sosségio nas ruas e nos espiritos. A ordem é para elas uma maneira de roubar, explorar e envenenarem a população ao abrigo das espadas, dos sabres, dos *casse-tête*, das pistolas e das espingardas da polícia, dos regimentos e esquadões da tropa, das medidas coercitivas das autoridades e da cumprimente dos governos e dos parlamentos. E’ essa a única ordem que lhes convém.

Mas se são atingidos, nem que seja ao de leve, na liberdade das suas trâscasas ou na realização de qualquer dos seus caprichos por mais idióticos que sejam, tornam-se logo os maiores inimigos dessa ordem.

Foi o que aconteceu com os conservadores que passaram de partidários da ordem a fomentadores de revoluções. E’ claro que ao tomarem essa belicosa atitude artificiosamente declaram que os manejos contra a legalidade, contra a ordem de coisas estabelecida, se baseia no seu desejo de conseguir o triunfo dumha ordem especial, a sua, que é de todas as ordens existentes e por existir a única possível, justa e verdadeira. São assim destas espantosas incertezas as chamadas “forças vivas” em geral e os seus *meneurs* em especial.

Não deve, pois, causar admiração que em casa do sr. Carlos de Oliveira, o braço direito de João Pereira da Rosa na agitação das “forças vivas” e na sua agremiação clandestina a União dos Interesses Económicos, se encontrasse um documento contendo um plano de actuação violenta num movimento revolucionário de carácter conservador. Ignora-se a data desse documento e a pessoa que o assinava, pois que no momento de ser apreendido pela polícia a esposa do sr. Carlos de Oliveira conseguiu-o.

Estamos condenados à pior das tiranias, aquela que não tem lei certa, que não rege por nenhum ditame, que se não evita com a mais completa submissão. Estamos, tristemente, ignominiosamente, amarrados à tirania do acaso, do capricho, à hedionda tirania do que é impenetrável e esfíngico, do que consente o Mundo e ao *Rebate* o que não admite à *Batalha*. Esta tirania é negra, é monstruosa, é a tirania que vem numa sombra, dum espectro; é uma tirania vergonha, revoltante, asquerosa.

Paramos, indecisos! Não iremos cair no desagrado? e do desagrado à suspensão só vai um passo.

Damos, pois, a palavra ao *Diário do Povo* transcrevendo o seu protesto contra a apreensão do *A Batalha*. O capricho da autoridade não irá irritar-se? Em todo caso tentamos a transcrição:

“A Batalha, voltou ontem a ser impedida de circular.

Protestamos contra o facto, pois não é assim, tiranizando, oprimindo, que a República deve entender a liberdade de pensamento. Mas a responsabilidade não cabe à República; cabe aquele antigo monarca Vitorino, tenente coronel democrático, que se alçou neste regime de ficção em que vivemos, a ministro do Interior, precisamente aquele a quem cabe dirigir a política republicana no país. Que diz à altitude deste seu correligionário o dr. José Domingos, o político falaciador do lèma Pão e Liberdade?

O *Correio da Manhã* foi ontem impedido de circular. Protestamos contra essa violência. De passagem queremos assinalar que a conduta de alguns jornais no que diz respeito a apreensões modifícon-sé, havendo neles uma mais nítida compreensão acerca das violências do poder. Para ficarem esclarecidos foi preciso que o raio lhes caísse em casa, o que prova, uma vez mais, que a adversidade é a melhor das escolas. Em compensação—bem triste compensação—outros jornais estão esquecendo deploravelmente o seu liberalismo ou denunciando que não passa dum mentiroso verniz.

Estamos longe de pretender fulminar aquele jornal, como o provamos não replicando o remoque sobre a aventura sidonista feito certamente por aquela mão que outros tempos se destacou pela insistência e pela injustiça dos seus ataques, recheados de ódio, à *Batalha* e à C. G. T., isto é, ao jornal e à organização dos trabalhadores portugueses.

Não sabemos onde levantar este delírio de represão feroz.

O *Tarde*, jornal insuspeito pela coadjuvação que tem dado às repressões da polícia, conta alguns pormenores edificantes sobre o estofo moral do agente Gonçalves. Segundo ele contra esta agente tinha sido instaurado um processo disciplinar por receber dinheiro das casas de batota para as ir prevenir dos assaltos da polícia. Diz ainda o mesmo jornal que aquele agente ainda não fôr dispensado da polícia por contar com importantes proteções que o tornaram intangível.

Este agente chegaram-lhe a ser retiradas as investigações sobre Alejo Carrera por haver denunciado de que este o subornara a fim de conseguir ser ilibado de culpa e ser posto em liberdade.

Com a sua fuga o sr. Carlos de Oliveira demonstrou dumha maneira insofismável que estava altamente comprometido no último movimento revolucionário. A União dos Interesses Económicos de que ele era um dos dirigentes, essa está ao que parece tão inocente como Pilatos...

Evidui-se o capitão Baptista que no último movimento teve uma ação de destaque.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Na extensão do direito de sufrágio, as mulheres, que subiram à tribuna, indicaram o exemplo do estrangeiro. Até aqui todas as tentativas feitas na Itália a favor do voto das mulheres tinham resultado completamente infrutíferas.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

Os jornais que protestavam contra as fugas dos presos de São Julião da Barra não protestam contra o facto da fuga, à formiga, dos implicados na revolta conservadora. E que a cadeia só fez para os operários, e as evasões só são condenáveis quando são operários. os evadidos.

A cura da tuberculose

Um importante estudo da missão médica portuguesa sobre a "Sanocrisina".

A missão médica portuguesa apresentou há dias, na Associação Médica Lusitana, um notável estudo sobre o resultado do tratamento pela Sanocrisina, produto das investigações a que procedeu em Copenhague.

E' um importantíssimo trabalho que nos apresenta as conclusões que vão lêr-se:

A Sanocrisina é um composto químico, previsto por considerações notáveis de ordem teórica, realizado na prática dentro dessas bases e «lançado na terapêutica humana só depois dum larga prova experimental nos animais».

Pelo número de casos que sabemos já registrados — que sobrem a algumas centenas — averigua-se que com a Sanocrisina, em certo espaço de tempo (2 a 3 meses), se podem obter, em grande número dêles, melhorias e curas idênticas às obtidas nos sanatórios, em largos períodos, e que o processo de cura rápida medicamentoso é comparável, como o revelam os sinais clínicos, laboratoriais e nomeadamente os radiográficos, às curas espontâneas realizadas pelos processos naturais.

Com a Sanocrisina observam-se melhores notaveis em alguns doentes, nos quais os tratamentos até então adoptados (cura sanatorial — pneumotorax artifical — e outros processos cirúrgicos) não tinham dado resultado util.

A Sanocrisina curou clinicamente alguns casos de tuberculose miliar generalizada (Secher-Wurtzen).

A Sanocrisina não tem dado até agora — usada por via intravenosa — resultados uteis nas tuberculoses cirúrgicas (lupus, tuberculoses ósseas e articulares). O futuro dirá qual o resultado que se poderá obter com a infiltração local do soluto da Sanocrisina.

A Sanocrisina não curou até hoje nenhum caso de meningite tuberculosa.

A cura da Sanocrisina é indispensável associar a cura de repouso e sanatorial, esta de preferência. O tratamento deve limitar-se aos meios hospitalares e sanatórios, pela rigorosa observação e vigilância médica aturada a que ainda obriga.

Além dos accidentes resultantes da liberação de toxinas por bacteriolise parece legítimo atribuirem-se, em alguns casos, à intoxicação metálica várias complicações observadas como: certos tipos de albuminura, perturbações gastro-intestinais e hepáticas, gengivite e estomatite, eritrodermia esfoliadora generalizada, etc. — Resumindo: é preciso procurar distinguir assentando em bases mais solidas os accidentes biotóxicos dos prováveis acidentes quimiotóxicos.

O sór tem um papel protector de alguns acidentes, mas nem o combate sempre eficazmente nem tem o poder suficiente para transformar os casos não susceptíveis de tratamento pela Sanocrisina em casos capazes de suportarem.

Na luta anti-tuberculosa a Sanocrisina marcou um passo notável na quimioterapia anti-tuberculosa, e quando bem manejada — mas um meio a juntar a todos os já organizados de luta social e ainda aos já obtidos pela cura sanatorial, pela tuberculina-terapia, pelos processos cirúrgicos (Pneumotorax, Toracoplastia, Frenicotomia), pelo métodos radiológicos, etc.

A Sanocrisina é um agente químico de valor no tratamento da tuberculose pulmonar. No entanto, à quimioterapia — como qualquer outro processo terapêutico — imediatamente aos anti-tuberculosos — não devemos pedir mais do que lógica e científicamente elas nos pode dar. Só o futuro poderá dizer qual o seu verdadeiro alcance na luta anti-tuberculosa. Mas seja ela qual for, a profilaxia ficará sempre a pedra angular desse problema no seu aspecto social.

O atentado contra o comandante da polícia

O "misterioso" aparecimento de explosivos (?) num sindicato operário

Continuam acentuando-se as melhorias do tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral.

* * *

Noticiaram os jornais que, numa busca passada na sede do Sindicato dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, tinham sido encontradas várias bombas, cartuchos de dinamite, etc., etc.

Procurou-nos uma comissão de sócios daquele sindicato para nos declarar ter sido passada uma busca à respectiva sede às 6:30 horas de sábado, à qual assistiu um sócio, não tendo a polícia encontrado ou apreendido causa alguma.

Só numa segunda busca que a polícia ali passou horas depois, sem que alguém a ela assistisse, foram descobertos os tais explosivos.

Brotaram do solo, provavelmente...

Foram apreendidos nesse sindicato os livros de registo de sócios e de escrita.

* * *

De Ana Antunes Cabral recebemos uma carta em que protesta contra a apreensão feita pela polícia, no Salão da Construção Civil, do retrato de seu irmão José Manuel, já falecido.

Manuel Ramos

A comissão penal e prisional deferiu o seu requerimento

Conforme dissemos há dias, Manuel Ramos requereu na Comissão Penal e Prisional o seu envio para África.

Segundo nos comunica aquele operário o referido requerimento foi deferido, devendo o seu embarque realizar-se em breve.

Por esse motivo Manuel Ramos solicita de todos os camaradas que queiram auxiliar as despesas da sua passagem que devem fazê-lo no mais curto espaço de tempo, podendo enviar todos os donativos para a redacção da Batalha ou da Comuna e Sindicato U. da Construção Civil, onde se encontra uma comissão para este fim, todos os dias às 20 horas.

ESPERANTO

"Nova Voz" — Sociedade Esperantista Operária — Reime hoje, às 21 horas, o curso prático.

NO HOSPITAL DE SANTA MARTA

A odiseia dum doente

Ha criaturas a quem a Natura prescreve, como apêndice à sua atribuída existência, uma série de intempéries repleta de surpresas, ora dignificantes, ora aterrorizadoras. O doídos que nos inspira este raciocínio é um dos muitos que vive, não por mercê dos seus predicados morais, por direito de conquista, segundo os atributos das suas faculdades mentais, mas por uma lei orgânica que nos rege e que nos impõe o instinto de conservação, dando-nos como complemento o desejo insaciável de vivermos com a máxima felicidade, dispensando a mínima energia possível...

* * *

Ora, os valdevinos em questão, para corário das suas vicissitudes neste "jardim à beira-mar plantador", teve a extravagante ideia — mas uma surpresa da Natureza — de adoecer, buscando mitigar os seus sofrimentos físicos num dos nossos hospitais, consciente de encontrar aí o refúgio que o seu estado de doente requeria.

Após algumas semanas de conjecturas e vacilações decidiu-se, aceitando o oferecimento e intervenção dum amigo, internarse. Deste amigo recebeu uma carta dirigida ao director dos H. C. de Lisboa, na qual s. ex.º o sr. G. C. solicitava aquela alto funcionário, com extrema solicitude, o seu valioso patrocínio em prol do valdevino e de seu creio.

Não lhe valeu, porém, o ter-se munido com tão pernante recomendação, a despeito do "interesse" com que o sr. director geral o fez apresentar no "banco" do São José... E' que... «dura lex sedet lex!»...

Ao chegar ao banco e depois de ter sido apresentado, pelo respetivo funcionário do Registo, ao médico de dia, doutor Manuel de Vasconcelos, teve que declinar a sua profissão e tantos outros pró-formas estipulados no regulamento. Este médico, assim cerimonioso e inseguro para com as enfermeiras e demais senhoras que o procuraram, depois de algumas perguntas ociosas, inopportunas e fastidiosas, resolveu-se a assinar-lhe a papeleta... Mas — oh desgraçado, o que fizeste!... — eis que o funcionário apresentante lhe apresenta a "carta-outorgante" das regalias do doente!...

O doutor Vasconcelos olhou-a; pegou-lhe; virou a folha; franziu a testa; dilatou o peito; e numa expressão funesta relanceou sobre a vítima o olhar suspeito!

Levantou-se. Empunhou a carta e exclamou impávida e rispondo:

— O sr. não pode ser internado...

Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do austero es-

tas, edição espanhol

— Ante a inesperada atitude do

MARCO POSTAL
Gouveia.—Associação dos Texteles.—O regulamento do horário de trabalho deve ser publicado por estes dias.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE MAIO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	5	12	19	26	Aparece às 5,21
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 19,46
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	8	15	22	29	Q. C. dia 1 as 8,12
	9	16	23	30	L. C. 9 as 3,33
	10	17	24	31	Q. M. 23 as 23,00
					L. N. 28 as 2,28

MARES DE HOJE

Praiamar às 1,22 e às 1,44

Baixamar às 6,52 e às 7,14

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 16 dias de vista	97,25	98,50
París	98,05	98,50
Bruxelas	98,95	99,50
Belgrado	100,02	100,50
Paris	98,83	99,50
Holanda	98,12	98,50
Madrid	98,05	98,50
New-York	100,15	100,50
Brasil	28,02	28,50
Noruega	28,35	28,50
Austrália	28,40	28,50
Dinamarca	28,85	28,50
Praga	98,00	98,50
Buenos Aires	7,90	8,00
Viena (1 shilling)	28,00	28,50
Renâmarch euro	4,90	4,90
Agio do ouro %	28,35	28,50
Liras turcas	105,00	106,50

ESPECTÁCULOS

TEATROS

St. Carlos — A's 21,15—O Leque.
St. Luis — A's 20,45—O Senhor Estrela.
Trindade — A's 21,15—A Capital Federal.
Frente — A's 21,15—Era uma vez uma menina.
Politeama — A's 21,30 — Os Velhos.
Apollo — A's 21,15—Tirólios.
Joaquim de Almeida — A's 21,15—A Severa.
Teatro dos Realejos — A's 20,45—«Manos».
Maria Vitoria — A's 20,45 e 23,30 — «Ratapans».
Eden — A's 21,15—Sessão permanente: Variedades.
Juniper — A's 21,30—Imrás e A Cidadela.
Salão São — A's 20,30—Variedades.
M. Vicente (à Graciosa) — A's 20,30—Anatomigráfo.
Enredo Parque — Todas as noites—Concertos e discursos.

CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema
Condé — Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora e Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chanteler—Tivoli—Tortoise—Gil Vicente.

CHAPEUS PARA SENHORA

EM SEDA 80\$00

Cascos em TAGAL a PICOL em todas as cores à 35\$00
Transformações por PREÇOS SEM COMPETENCIA

OFICINA LISBONENSE

DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Calçada do Garcia, 18 (por cima da casa de fogões)—ROCI

Pedras para Isqueiros

nos quioscos, nos milheiros e nos centros, tubos, rodas, pipas, fósforos e colinas de açúcar, tudo que é preciso para fazer isqueiros.

Venda em grandes quantidades aos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros (qualidade garantida)

DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, n.º 81—LISBOA

Giz Serralheiro

DE 1.ª QUALIDADE

DROGARIA TEJO—R. S. PAULO, 74, 76

Cesaltino de Andrade

FALECEU

António Augusto de Andrade, seu mulher, filhas e genro, cumpriram o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido filho, irmão e cunhado, realizando-se hoje o seu funeral, às 16 e meia, da Morgue para o Cemiterio Oriental.

Aduela Castanho Italiano

EM ARMAZEM todas as dimensões usuais.

GUERREIRO GALLA

LARGO DE SÃO DOMINGOS, II

RUA DO AMPARO

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

“Reumatina”

24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”

E inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

“Reumatina”

Vende-se em tódas as boas farmácias e drogarias

Ró Anti-bienorrágico

E' o mais poderoso combatente das bienorrágicas crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes;

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCografia

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECHANICA

Largo do Conde Barão, 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metálico, assim como rodas ócias e maciças, tubos, moias, chaminés de 2 e 3 peças, lampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 49 e quiosque. Dirigir-se-á a Francisco Pereira Lata (E) que a casa fornece em melhores condições.

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cár, para marceneiros,

serradas em todas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglesinhos, 50—LISBOA

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem levado a que as limas nacionais

ainda hoje se consumem em Portugal

mais que as importadas.

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

UNIÃO Tomé Feteira, Ltda., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo!

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

28

VALIVE

Telephone C. 3541

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

casa da vossa amante, entrando vós em casa dela, ou vê-lo entrar, saindo vós?

5.—Se tendes amante que um rival vo-la rouba, qual deve ser mais glorioso, vós, que, fostes o primeiro amante da bela, ou o vosso rival que ela vos preferiu?

—Ah! com a breca! a noite! exclamou brutalmente Foulques de Bercy, um dos juízes do tribunal de amor, interrompendo o balio da alegria das alegrias.

Marfisa (severamente ao sr. de Bercy)—Tenho de lembrar ao nosso gracioso colega que numa tão grave e importante matéria, a apreciação individual de um membro do tribunal não pode julgar interculturalmente.

(Foulques de Bercy inclina-se.) Marfisa diz ao senhor de Limons: Que o nosso balio continue a sua leitura.

O balio da alegria das alegrias

7.—Um amante gosa dos favores da sua amada, um rival tem a certeza de obter os mesmos favores; ela morre; qual dos dois deve experimentar maior pesar?

8.—Qual deve considerar-se mais feliz, a velha que tem por amante um rapaz novo, ou o velho amado com uma menina nova?

9.—Qual é melhor, ter por amante uma mulher casada ou uma solteira?

10.—Qual se deve preferir, uma formosa amante infiel, ou uma amante menos formosa mas fiel?

11.—Duas mulheres são ambas novas, com igual mérito e formosura; uma já tem amado, a outra é ainda novicia em amor; dever-se-há antes agradar a primeira do que à segunda?

12.—A mulher que, requestada causou pelas suas recusas obstinadas a morte do seu galante, será considerada homicida e responsável desta morte?

Tais são as graves questões submetidas à infalível

A BATALHA

N.º 433

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

5

A BATALHA

Um novo decreto sobre inquilinato

Foi anteontem para o *Diário do Governo*, um decreto que prorroga até 31 de dezembro de 1926, o prazo fixado no artigo 13.^a da lei n.^o 1662 de 2 de Setembro de 1924 que é do teor seguinte:

Considerando que, a partir do ano de 1914, se têm publicado leis e decretos sobre inquilinato, contendo disposições restritivas sobre o contrato de arrendamento de prédios urbanos;

Considerando que tais medidas foram motivadas pela crise económica que se acentuou e manteve, proveniente do conflito europeu;

Considerando que é urgente adoptar todas as medidas necessárias para se manter a tranquilidade social;

Usando da autorização que me foi conferida pelo artigo 2.^a da lei 1.773, de 30 de Abril do corrente ano: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.^a—É prorrogado até 31 de Dezembro de 1926 o prazo a que se refere o artigo 13.^a da lei 1.662, de 2 de Setembro de 1924.

Art. 2.^a—As acções de despejo com o fundamento na falta de pagamento de renda, relativas a prédios urbanos em que funcionam escolas do Estado, estabelecimentos de assistência e beneficência, legalmente reconhecidos, só poderão ser intentadas 6 meses depois do respectivo vencimento e se nesse prazo não tiver sido feito o pagamento.

S único—As acções e execuções de sentenças de despejo de prédios urbanos, cujo destino seja o indicado neste artigo, ficam suspensas desde a publicação deste decreto e só poderão prosseguir no prazo de 5 meses, a contar da mesma publicação, não fôr paga ou depositada a respectiva renda.

Art. 3.^a—Nas acções e execuções de sentenças de despejo, suspensas por virtude do disposto no artigo da lei n.^o 1662 de 2 de Setembro de 1924, pode o senhorio, sem prejuízo dos direitos em litígio, levantar a renda depositada ou recebê-la directamente do inquilino.

§ 1.^a—O mesmo direito é concedido ao senhorio no decurso das acções pendentes ou a intentar por alguns dos fundamentos previstos nos §§ 7.^a e 9.^a do artigo 5.^a da referida lei.

§ 2.^a—As rendas dos prédios urbanos e que respeitem a acções e execuções referidas neste artigo e seu § 1.^a consideram-se actualizadas nos termos do artigo 10.^a da citada lei 1662 a partir da publicação deste decreto, independentemente da notificação judicial.

Art. 4.^a—A impugnação da acção suspense sempre o despejo e a sua falta não importa confissão deste quando o réu não intervier pessoalmente na citação.

Art. 5.^a—Da sentença que ordena o despejo haverá sempre recurso até ao Supremo Tribunal de Justiça.

§ 1.^a—A apelação suspenderá o despejo até decisão definitiva, se o apelante prestar fiança, por meio de depósito, hipoteca ou fiança.

§ 2.^a—O valor da caução será sumariamente fixada pelo juiz, ouvidos os interessados e tendo em atenção o quantitativo da renda e a duração provável da acção.

Art. 6.^a—Fica revogada a legislação em contrário.

Mina de São Domingos

Uma torpe insinuação dum jornaleco nacionalista

MINA DE SÃO DOMINGOS, 15.—A *Voz do Guadiana*, jornaleco dos nacionalistas de Mértola, já gritou "Alerta conservadores... e prosegue numa campanha em que não falta mentira, astúcia e cobardia, contra a Organização Operária e aqueles que em luta contanto contra todas as tiranias têm sofrido privações e sacrifícios em defesa dessa mesma organização que os conservadores de Mértola desejariam usurpar para bem do conservantismo que defendem".

O padre Camachinho — um dos componentes da ala ambra que em Mértola se metamorfoseou consoante a posição da gama — falando com um ex-sócio do Sindicato dos Mineiros dava corrente à voz dizendo que um delegado da C. G. T. veiu à Mina e levou o Sindicato 40.000\$00 (quarenta contos) para os perseguidos... lá de Lisboa. Depois, reduziu os cálculos e fez voz corrente no seu jornal que seriam talvez 20.000\$00 (vinte contos) e que muita fala teriam deste dinheiro as famílias dos operários, em crise aterradora há algumas semanas...

Objectar-lhe-emos que há já alguns meses que famílias inteiras, forçadas a uma crise aterradora, sentem minoradas as suas agruras, graças à organização.

Nada, absolutamente nada querem os homens que aqui vêm do que levam para Lisboa a convicção de que se mais vastas não são as manifestações de solidariedade entre os mineiros é porque a isso se opõem os malditos desta sociedade infame.

Não vos acobereis com o anônimo, para que não tornemos uns, responsáveis pela malvadeza de outros; dizei verdade ao povo, porque aos não corrompidos a verdade é querida.—C.

Um protesto do Sindicato dos Mineiros

Reuniram-se em conjunto Direcção e Comissões diversas, aprovando o seguinte documento:

«Em face das insidias lançadas sobre a Organização Operária e seus militantes por um escrivinhador, em *A Voz do Guadiana*, lavramos em nome dos trabalhadores organizados, repulsa e protesta contra as mentiras de que aquele jornal se fez eco.»

Rendimentos dos operários

A enfermaria de São Sebastião do Hospital de São José, recolheu José da Silva de 23 anos, carpinteiro de carros natural e residente em Aldeia Nova freguesia de Baliza (Beja) e que estándoa a trabalhar na residência, foi colhido por um bocado de ferro que o atingiu no olho esquerdo.

MARceneiro

APRENDIZ, precisa-se. Rua da Oliveira, no Carmo, 55.

Pela organização gráfica

Reorganiza-se a Liga das Artes Gráficas do Algarve, bem como a secção de Vila Real de Santo António

Com a presença de um delegado da Federação do Livro e do Jornal reuniram-se alguns elementos gráficos de Faro para assentar na reorganização das classes gráficas da região algarvia, que, mercê da indolência e indiferentismo que lava entre todo o operariado, se mantinham completamente desmanteladas.

Depois de trocadas largas explicações, em que o delegado federal fez uma desenvolvida exposição dos trabalhos da Federação a propósito de reorganização de todos os quadros da gráfica e próximo congresso corporativo, ficou nomeada a comissão reorganizadora que ficou constituída pelos camaradas António Costa, Mariano Guerreiro e Ilídio Gonçalves.

A sede da Liga ficará sendo em Faro, devendo constituir-se em todas as localidades algarias secções da mesma.

Seguidamente o delegado partiu para Vila Real de Santo António, onde reuniu com bastantes elementos da classe litográfica a mais numerosa entre os gráficos, a quem fez a exposição dos intentos da Federação, procurando organizar todos os elementos da família gráfica, a fim de que no próximo congresso se façam sentir as necessidades das classes de todo o país.

Depois de aludir à forma de organização a aditar para o Algarve, enquanto o conselho federal e o congresso corporativo se não pronunciarem, e que deverá ser a atraçao exposta, nomeou-se a comissão organizadora da secção desta localidade, que ficou composta por João Gonçalves Bechenina, Manuel Teixeira e Joaquim Cortes.

Na conferência inter-sindical do Algarve, esteve representando os gráficos daquela região, por falta da organização, o delegado da Federação do Livro e do Jornal, camarada António Monteiro, que à mesma procurou fazer interessar os gráficos, no sentido de ser coadjuvada a obra de reorganização, que agora tentam, e fica, por isso, necessária de todo o amparo dos organismos centrais.

Nalgumas outras localidades onde o mesmo delegado esteve, não conseguiu resultados profícios, ou por afastamento dos componentes das classes, ou por manifesto desprezo pela defesa dos seus interesses, não comparecendo as reuniões aprazadas.

Tribunal de Arbitros Avindores

Em audiência de conciliação sob a presidência do juiz sr. Humberto Plágio, tendo como árbitros, patronos os srs. Teodoro Pombal e António Ribeiro Cardoso e pela pauta operária Manuel Maria de Sousa e Augusto José Alfonso, reuniu este tribunal tendo conciliado as seguintes causas: Henrique Gomes Fortes ex-caixeario da Sapataria Portugal Limitada em 175\$00; Francisco Fernandes contra o Café Suíço em 100\$00; Mário Nunes contra Joaquim Carneiro em 50\$00; Maria José Timóteo contra Dias & Carvalho Limitada em 380\$00; Manuel Martinho contra Manuel dos Santos Vilari 134\$00; e José Ribeiro da Silva ex-caixeario de Agustino Bonifácio Pinto em 775\$00.

Foram adiadas diversas causas por falta de alguns autores e de reus.

O despertar do proletariado italiano

Desperta novamente na Itália o espírito revolucionário das classes trabalhadoras.

As agitações e as greves têm-se sucedido ininterruptamente.

Em toda a Itália, do Norte ao Sul, os operários têm lutado vigorosamente por aumentos de salários e contra as jornadas longas de trabalho, solidarizando-se com os seus camaradas atingidos pela fúria patronal e fascista.

Lembremos a magnifica greve metalúrgica, que ultimamente ali teve lugar, e na qual formaram parte 150.000 operários.

Já muitas vezes os organizadores sindicais fascistas têm sido obrigados a declarar greves sob a pressão dos trabalhadores que elas próprios fizeram ingressar pela força nas suas corporações.

A massa operária retomou a consciência da sua força. O parlamento, que após a morte de Matteotti exerceu uma certa influência na marcha dos acontecimentos, hoje não representa nada em face da ofensiva fascista.

C. V. S.

CARTA DO PORTO

Os mineiros de São Pedro da Cova

fanatizados pelos padres sacrificaram-se por uma procissão e vitoraram os seus verdugos

PORTO, 17.—Os mineiros de São Pedro da Cova, sempre encontraram, afim, a sua felicidade terrena. Para a sua consecução, embora tardia, contribuiram o respetivo pastor eclesiástico e a santa piedade criatura da rua Chã—o conhecido Torcato.

O Severiano, o potentado da Carris, também meteu lenha para o fogo sagrado da alegria mineira.

Ali, agora sim! aquelle minado logar de Faro, já não tem o negrume do carvão, já não representa aquele horrido sítio de desterro povoadinho e regado de lágrimas por infelizes semi-nus e cadávericos... Aquelle inferno de almas penadas pelos flagelantes trabalhos das minas, pela escassez remunerativa das suas horas de árduo trabalho a revolver as entranhas da terra—transformou-se num róseo eden de ternuras capitalistas, clérigas, beatificadas...

A santa Bárbara, padroeira dos mineiros, não dorme no seu oráculo; pede muitos ao altíssimo pela sorte miserável dos mineiros—pela munificência dos seus corpos milagrosamente ainda de pé, pelos farrapos ondulantes que lhes rasga «janelas» de pele enegrecida e picada pela pedra do carvão, pelos restos ossudos, macerados e sujos pelo carbonifero, que a impossibilidade de adquirir meio que de sabão não permite aclareá-los um quasi nada...

Os «boivitas» da cidade já, não têm mais razão para falar na Associação dos Mineiros e Anexos de S. Cosme Gondomar; já têm motivos para se revoltarem contra a empresa mineira para prestarem a sua solidariedade aos mineiros em greve, ficando-lhes com os filhos esfomeados e andrajosos...

A santa Bárbara valeu-lhes, tirou-os de apuros... de morrerem de farta...

E assim o «seráfico» do Torcato, de acordo com a demais comparsaria dona das minas e com o hipócrita tonsurado do abade, deliberou efectuar uma procissão à referida Santa Bárbara...

Mas 'no de gracia', como diria o galego. Ordenou o desconto de um dia a todos os desgraçados, maiores e menores, para o custeio da farçada religiosa. E os mineiros, em ação de graças pela exploração que têm sido vítimas; pela fome que têm passado nos seus tugúrios sem cama e roupa; pelas multas que têm pago e os castigos que têm sofrido; pelos desastres que os têm intilizado e pelo abandono a que a seguir têm sido votados; pelos pessimos escoramentos das galerias que muitas vezes os soltaram numa agonia bárbara—esquecidos, em ação de graças por tudo isso, porque ainda podia ser pior, deixaram-se, todos contentes, descontar no dia do salário para as despezas com a festa a Santa Bárbara...

Oh! ignorância humana! a quanto tu obriga!

E a procissão, toda pomposamente carnavalesca, e animada pelas notas desafinadas das fanfarras, lá saiu, dando ao local um aspecto apavorante de selvagismo pior que o africano...

Um indivíduo foi maltratado por se ter desculpado em tirar o chapéu com a solicitude desejada pelos fanáticos: o Torcato tinha escolhido uns «trauliteiros», entre os mineiros, para aquele fim...

Entre o estrondo dos morteiros pagos pelos desgraçados das minas, estendeu-se a inconsciência incrível, deram vivas à genréncia:

—Viva a gerência! Viva os directores, os engenheiros, os capatazes, a Santa Barbara!—isto é: Viva a exploração, a miséria, a fome, a nudez—o azorague, a perseguição, a tirania, a morte!...

Estava legalizada a patifaria passada e presente dos opressores das minas: as bestas humanas encapuzaram-se na cabeça das greves sob a pressão dos trabalhadores que elas próprios fizeram ingressar pela força nas suas corporações...

E lembramo-nos que tantos sacrifícios se têm feito por aqueles miseráveis...

C. V. S.

NA SUECIA

A' VOLTA DO 5.º CONGRESSO DA I. C.

No 5.º Congresso da Internacional Comunista, o chefe dos comunistas suecos como a "União do lavoro".

A volta em massa dos operários suecos pôs-se em oposição aberta contra a política do executivo da Terceira Internacional, atrevendo-se a ter uma opinião pessoal em face do omnipotente Zinoviev.

Quando, depois do discurso deste último, foi interrogado no congresso de Moscovia se dava algumas explicações do seu procedimento, no meio do assombro geral observou que nada mais tinha a acrescentar.

Segundo informações, a obstinação de Zeth Höglund, o chefe dos comunistas suecos, provocou um movimento geral de protesto em todos os delegados ao congresso. Considerou-se herético o facto de que alguém se atrevesse a sustentar um ponto de vista contra Zinoviev.

Zeth Höglund foi eleito em seguida, pela maioria do congresso dos comunistas suecos, como redactor principal do órgão do partido em Estocolmo, *Folkets Dagblad*.

No comité do partido comunista sueco formou-se então uma corrente de oposição contra Höglund, que de colaboração com a Federação Juvenil Comunista de Estocolmo, iniciou um ataque contra o diário.

Numa noite um grupo de jovens comunistas ocupou a redacção e o local da imprensa de *Politiken*, e exigiu que os redactores escrevessem contra a oposição ou então se fossem embora. O original foi submetido a uma censura prévia, e o que pertencia ao redactor principal foi retirado.

O partido comunista, em face deste procedimento, dirigiu-se à organização sindicalista, a quem combatera até então sempre com grande afinco, e esta pôs imediatamente uma página do diário *Arbetaren* à sua disposição.

Também os operários a quem se não importava horas de trabalho suplementares, são as mesmas pagas ao preço das ordinárias, não sabemos por motivo.

MARCENEIRO

APRENDEZ, precisa-se. Rua da Oliveira, no Carmo, 55.

Devemos abrir ao povo as portas do futuro, se não queremos que él se despedace.



HORARIO DE TRABALHO

Um gesto que dignifica

O pessoal da "Central Tejo", em greve de solidariedade a cinco camaradas despedidos

Há muito tempo já que a direcção das Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade vinha pretendendo zombar de todo o pessoal das suas oficinas, querendo obrigar-l-o a trabalhar 10 horas por dia.

Não se conformaram os operários com essa resolução contrária aos seus interesses e aos da sua classe, saíntendo-se no deseo de defender essa importante regalia do operariado o pessoal da "Central Tejo".

Este acaba agora de ter um gesto de alta dignidade.

A Companhia mandou despedir cinco operários pelo motivo de aconselharem os seus camaradas a respeitarem o horário de 8 horas de trabalho.

• • •

Em face desta represália contra operários que legitimamente defendiam